



A MAIOR
LIÇÃO DO
MUNDO

“Se quisermos um futuro melhor para os nossos filhos, devíamos deixar-lhes o legado de um planeta melhor. Que este nobre objetivo nos una em nome das gerações futuras!”

Nevena Stoilkov

Nevena Stoilkov
Professora, Sérvia

O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas

Objetivos

Conhecer diferentes tipos e fontes de poluição.
Valorizar a importância de reduzir a poluição.
Promover uma mudança de atitudes e comportamentos centrados na preservação do ambiente.

Recursos

Computador com colunas e acesso à internet
Casos práticos sobre poluição
Fotografias (opcional)

Algumas sugestões de abordagem no currículo

Educação para a Cidadania; História e Geografia de Portugal, Ciências Naturais; História; Geografia; Físico-Química, Português, Línguas Estrangeiras

Estratégias metodológicas

Trabalho em pares e em grupo
Debata em grupo-turma
Assembleia

Duração

40
min

Idade preferencial

11-14
anos

Esta atividade pode ser adaptada a diferentes níveis de escolaridade



O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas

A Maior Lição do Mundo é um projeto de aprendizagem colaborativa que apoia a divulgação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. O projeto é uma prova viva da importância do Objetivo Global 17 - "Parcerias para o Desenvolvimento" - e não teria sido possível sem a ajuda de todos os nossos parceiros que trabalharam connosco e entre si.

Um agradecimento à equipa fundadora:



Produzido Por:



Distribuído Por:

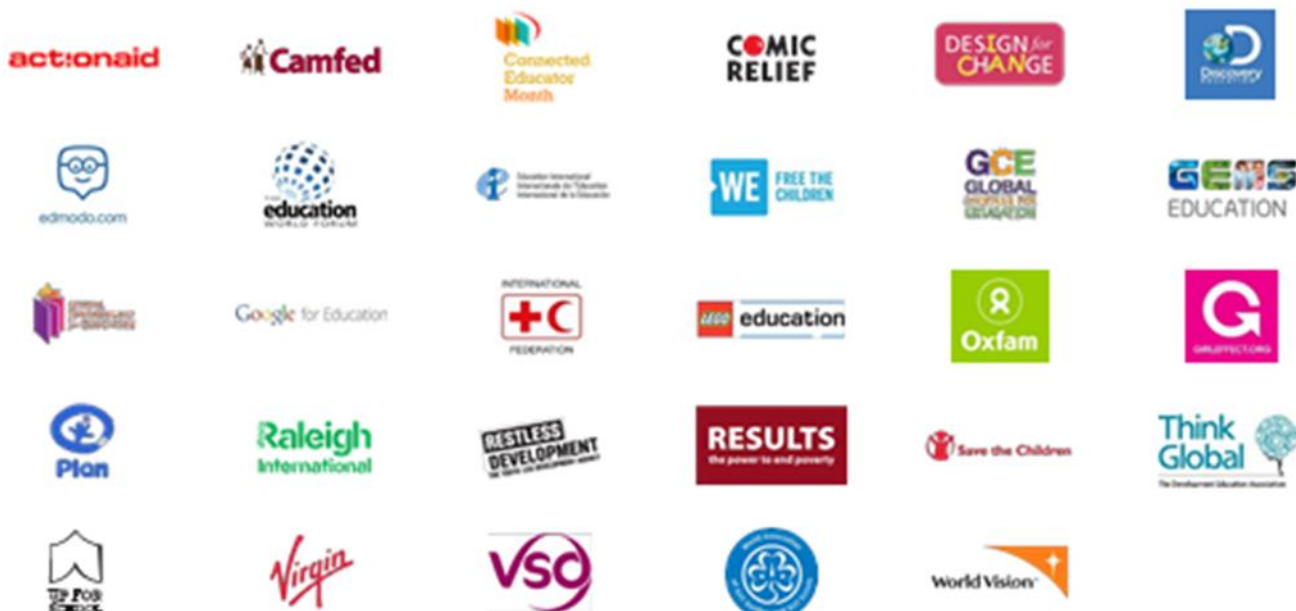


Traduzido Por:



:

E agradecimentos especiais às organizações que têm trabalhado connosco em todo o mundo:



O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas

Apresentação

10'

1. Mostre aos/às alunos/as o vídeo sobre poluição, disponível no YouTube em: https://youtu.be/_6zIGYK7GME.

Peça à turma para identificar as diferentes formas de poluição e de impacto ambiental apresentadas no vídeo.

2. Em seguida, pergunte aos/às alunos/as se algumas das formas de poluição retratadas no vídeo existem na sua comunidade local. Peça para identificarem outros tipos de poluição nela existentes.

Desenvolvimento da atividade

20'

3. A turma é dividida em grupos de três ou quatro elementos cada um. Após a constituição dos grupos, distribua a cada grupo um caso prático/notícia que descreva as causas e os efeitos de várias formas de poluição (anexo 1). Em seguida, peça aos/às alunos/as para identificarem as palavras-chave das notícias.

4. Solicite que indiquem formas de prevenção dos casos analisados anteriormente. Cabe ao/a professor/a orientar a discussão, tendo em conta que se pretende analisar formas de eliminar as causas da poluição ambiental e não apenas reduzir os efeitos da mesma.

5. De seguida, solicite aos/às alunos/as para desenharem um diagrama que represente o impacto positivo de adotarmos comportamentos para prevenir a poluição. Os grupos podem usar palavras, símbolos ou imagens.

Exemplos: Utilizar menos sacos de plástico -> reduz a poluição gerada pelo plástico no mar -> vida marinha desenvolve-se e prospera.

Terminado o desenho, um/a porta-voz de cada grupo apresenta o diagrama à turma.

Reflexão

10'

6. Apresente o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº 13 – Ação Climática – e explique que o combate às alterações climáticas e seus impactos é uma das áreas da Agenda 2030 que todos os países deverão implementar.

7. Por fim, peça aos/às alunos/as para escreverem duas ações que podem fazer no seu dia a dia para prevenir a poluição na sua comunidade. Sugira aos/às alunos/as para refletirem sobre os problemas ambientais identificados no início da atividade. As ações referidas pelos/as alunos/as podem ser afixadas na sala de aula.

Variantes

15'

8. Apresente à turma uma seleção de imagens sobre poluição ambiental (anexo 2) para facilitar a discussão inicial da atividade (etapa 2).

Peça que identifiquem o tipo de poluição e impacto ambiental ilustrado nas imagens.

9. O/a professor/a pode estruturar a atividade de outra forma, preparando cartões com várias soluções e problemas e pedir para agruparem os problemas e as respetivas soluções.

10. Se optar por um trabalho mais global e de sensibilização, pode pedir aos/às alunos/as para refletirem nas mais-valias de iniciativas globais – como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e da Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP 21) - para combater as alterações climáticas.

Caso prático 1.

Adaptado de: Público

Disponível em: <http://www.publico.pt/mundo/noticia/pequim-entra-pela-primeira-vez-em-alerta-vermelho-de-poluicao-1716799>

Pequim entra pela primeira vez em alerta vermelho de poluição

FÉLIX RIBEIRO
08 dezembro 2015

A poluição do ar é mais de quinze vezes superior ao nível máximo recomendado. Governo recomenda o fecho de escolas, proíbe a circulação de metade dos carros e actividades ao ar livre.



O manto escuro, pesado e húmido de ar contaminado que se abateu há vários dias sobre Pequim fez com que o Governo chinês anunciasse na noite de segunda-feira um “alerta vermelho” de poluição, o primeiro na história da capital do país mais poluente do mundo. O alerta vai durar até ao meio-dia de quinta-feira, altura em que se espera que uma frente de ar frio dissipe parte do ar poluído na cidade.

Até lá, só metade dos carros em Pequim podem circular – matrículas que acabem em números ímpar um dia, números par no outro –, o Governo recomenda o fecho das escolas sem bons sistemas de filtração de ar, limita o tempo de trabalho em locais de construção ao ar livre, as empresas devem dar horários mais flexíveis aos seus trabalhadores e todas as “grandes actividades ao ar livre” estão proibidas.

“Mesmo quando estou com a máscara sinto-me desconfortável e não tenho energia nenhuma”, disse Li Huiwen, residente em Pequim, à Associated Press. “Tem que se fazer o que se pode para nos protegermos.” O enviado da Al-Jazira na capital chinesa, Adrian Brown, complementa: “Consegue ver-se a poluição, consegue sentir-se-lhe o sabor.”

O método mais convencional para se chegar ao risco de saúde de uma dada poluição atmosférica faz-se pela medição de Partículas de Matéria 2.5 (PM2.5). Entre outros elementos, estas minúsculas partículas – 0,0025 milímetros, daí o seu nome – contêm vestígios de metais, combustão e compostos orgânicos suficientemente pequenos para entrarem no sistema respiratório ou circulação sanguínea. A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda um máximo de 25 microgramas de PM2.5 por metro cúbico para que o ar seja considerado saudável.

Às 19h desta terça-feira, hora local de Pequim, o sistema de medição da poluição atmosférica da embaixada dos Estados Unidos registava 379 microgramas de PM2.5 por metro cúbico. Mais de quinze vezes superior ao nível máximo. Um valor considerado “perigoso”, o quinto e mais grave patamar de risco de saúde na escala de poluição atmosférica. Algumas zonas da cidade chegavam aos 400 microgramas de PM2.5.

Mesmo assim, não é nada que se compare aos níveis de poluição de há uma semana, quando os níveis de poluição do ar em Pequim estavam a 40 vezes o máximo recomendado pela OMS – mais de 1000 microgramas de PM2.5 por metro cúbico de ar. Mas o Governo não decretou então o alerta vermelho para a capital, ou em ocasiões semelhantes nos últimos meses. A decisão de não o fazer foi recebida com alguns protestos, o que terá dado lugar ao alerta desta semana, como explica o correspondente da BBC em Pequim, John Sudworth.

“Porquê o vermelho agora? A falta de alertas vermelhos anteriores foi recebida com manifestações de protesto cada vez maiores. O que é que seria necessário, perguntavam as pessoas na semana passada, à medida que os seus filhos tentavam encontrar o caminho através da semiobscuridade em direcção às escolas ainda abertas, para o Governo agir?”

A decisão do Governo chinês em emitir um alerta vermelho para Pequim foi bem recebida por organizações ambientais e de protecção da saúde. “É um sinal bem-vindo de uma atitude diferente por parte do Governo de Pequim”, escreveu a Greenpeace em comunicado. “Significa, primeiro e acima de tudo, que as autoridades estão a encarar com muita seriedade os temas da qualidade do ar”, anunciou a OMS.

Mais de metade das medições à qualidade do ar em Pequim feitas pela embaixada dos Estados Unidos entre 2008 e 2015 indicam níveis “prejudiciais” ou “muito prejudiciais” à saúde. A qualidade do ar na capital chinesa tem melhorado ligeiramente nos últimos meses, mas as ocasiões em que as medições de PM2.5 são consideradas aceitáveis acontecem ainda em menos de 5% das análises norte-americanas.

A principal fonte de energia na China é ainda o carvão (mais de 60%, segundo os números da BBC), apesar do grande investimento em fontes renováveis de energia dos últimos anos. O ar estanca e contaminado que se sente em Pequim é sobretudo provocado pelas fábricas utilizadoras de carvão na sua periferia, poeira dos locais de construção e as grandes emissões poluentes dos veículos.

A poluição do ar na cidade agravou-se nos últimos dias pela falta de vento e grande humidade. A geografia da cidade não ajuda: as montanhas a Norte e a Oeste aprisionam a poluição que vem das cidades industriais a Sul e Sudeste.

Caso prático 2.

Adaptado de: Jornal de Notícias

Disponível em: http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4888886

Maior desastre ambiental de sempre no Brasil

HERMANA CRUZ
17 novembro 2015

Foi o "maior desastre ambiental" da história do Brasil. Aconteceu há 12 dias mas os seus efeitos vão-se sentir durante décadas. Alguns são considerados irreversíveis. O rompimento de duas barragens, em Mariana, no Brasil, causou sete mortos, 631 desalojados e 22 pessoas ainda estão dadas como desaparecidas.



O Brasil demorou a ter noção da dimensão dos estragos causados pelo reventamento de duas barragens, no passado dia 5 de novembro, no estado de Minas Gerais. Cerca de 62 milhões de metros cúbicos de lama foram despejados pelas barragens de Fundão e Santarém, situadas entre Mariana e Ouro Preto, causando uma onda de lama que chegou a ter 2,5 metros de altura.

Doze dias depois do desastre, que causou sete mortos, 22 desaparecidos e 631 desalojadas, percebe-se que há danos ambientais a mais de 500 quilómetros do local do rompimento das barragens, da empresa Samarco. Uma comunidade rural de 600 habitantes, Bento Rodrigues, foi soterrada por uma enxurrada de lama com um volume equivalente a 25 mil piscinas. E a quinta maior bacia hidrográfica do Brasil já foi declarada oficialmente morta por ambientalistas e biólogos.

"É de uma magnitude imensurável. Há várias situações. A extensão dos danos é tal que estamos com lama, a chegar à foz do Rio Doce, no Estado de Espírito Santo, a mais de 500 quilómetros do local do rompimento das barragens", revela Marcus Vinícius Polignano, coordenador do Projeto Manuelzão. Trata-se de um projeto ambiental da Universidade

O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas

Federal de Minas Gerais, que monitora a atividade económica e seus impactos ambientais nas bacias hidrográficas e trabalha com a revitalização dos principais rios mineiros.

Na manhã de domingo, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, visitou o Estado de Minas Gerais com uma equipa do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e ficou chocada com o que viu. É que, o mar de lama matou quase tudo por onde passou: árvores, peixes ou qualquer tipo de vida ao longo do rio Doce. Para Dilma, trata-se do "maior desastre ambiental" da história do Brasil.

"As empresas têm de ser responsabilizadas por várias coisas. Primeiro, pelo atendimento emergencial da população. Segundo, por buscas de soluções mais estáveis, mais perenes. E, terceiro, pela reconstrução", considerou Dilma Rousseff, anunciando a aplicação de uma multa à Samarco (que pertence à companhia Vale e à empresa australiana BHP) no valor de 250 milhões de reais (60,8 milhões de euros).

Já o Ibama anunciou três medidas que serão executadas pela Samarco. Serão colocados filtros nas barragens que se romperam para evitar que mais lama chegue ao rio Doce. Serão lançados materiais de origem vegetal, chamados de floculantes, próximo à barragem de Aimorés, o que fará com que a lama vá para o fundo do rio, de modo a permitir que só a água siga o caminho. Por último, no litoral de Espírito Santo serão instalados 20 quilómetros de barreiras flutuantes para evitar que a lama chegue a áreas de proteção ambiental.

Caso prático 3.

Adaptado de: RTP

Disponível em: http://www.rtp.pt/noticias/especial-informacao/o-mundo-esta-cada-vez-mais-contaminado-por-plasticos_n841198

O mundo está cada vez mais contaminado por plásticos

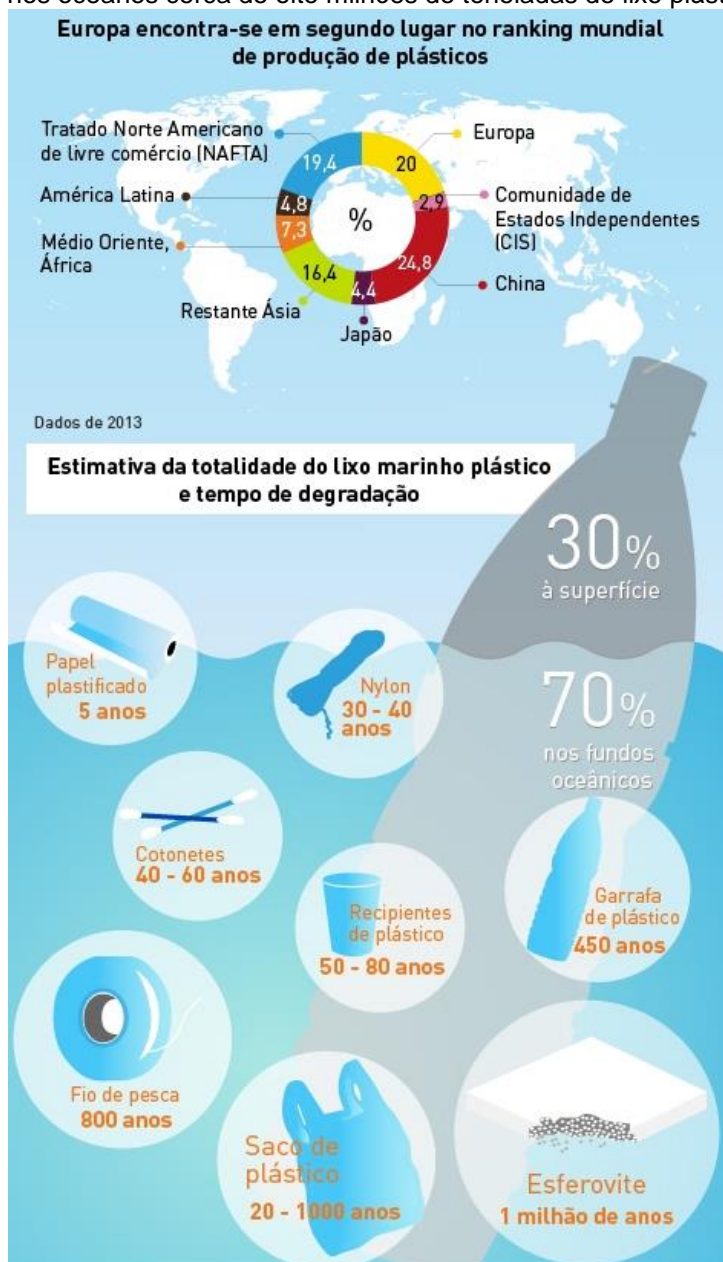
Nuno Patrício, Pedro A. Pina, Sara Piteira

03 julho 2015

O plástico é um componente orgânico de polímeros sintéticos, produzido com base no petróleo, que serve de matéria-prima para o fabrico dos mais variados objetos e com uma durabilidade elevada, mas também com elevados riscos ambientais, sendo os oceanos uma das potenciais vítimas deste produto.

Cerca de 70 por cento da superfície do nosso planeta é coberta por oceanos - um ecossistema que suporta grande variedade de habitats e biodiversidade. Porém, com a evolução da indústria ao longo da história da humanidade, o meio marinho é utilizado extensivamente como um local onde os despojos de lixo doméstico e industrial são canalizados através dos rios ou mesmo de forma direta, provocando fortes impactos negativos nos ecossistemas e na economia.

Segundo estudos realizados pela comunidade científica que analisa este fenómeno global, são lançados anualmente nos oceanos cerca de oito milhões de toneladas de lixo plástico e seus derivados.



Uma quantidade que daria para cobrir 34 vezes toda a área da ilha norte americana de Manhattan, com uma camada de lixo à altura dos joelhos de uma pessoa.

O estudo apresentado recentemente [da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT/UNL)] é considerado um dos melhores esforços para quantificar o plástico despejado, queimado ou arrastado para o mar. Segundo os investigadores, a análise também pode ajudar a descobrir a quantidade total de plástico existente hoje no oceano – não apenas o material que é encontrado na superfície ou mesmo nas praias.

Estima-se que grandes quantidades de resíduos plásticos, cerca de 70 por cento, podem estar depositadas no fundo dos oceanos, muitos deles fragmentados em pedaços tão pequenos (pellet e fibras sintéticas) que não são captados pelas análises convencionais. O problema agrava-se quando se lhe associa a questão das cadeias alimentares marinhas, que depois entram no sistema de consumo humano.

Estamos a plastificar o mar

O lixo marinho é todo o material “não orgânico” e duradouro que é descartado, eliminado ou abandonado na costa ou no mar. Trata-se de um problema global em constante crescimento e de uma ameaça direta para o ecossistema marinho, que atraiu uma maior atenção do mundo, após a descoberta de uma grande “ilha de lixo” (garbage patch) no Giro do Pacífico Norte.

O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas

Esta questão ambiental não existe apenas no Pacífico Norte, porque segundo estudos e análises feitas por investigadores e cientistas ligados à vida marinha, já foram identificadas pelo menos cinco "ilhas" de detritos no mar nos designados giros marinhos ou oceânicos: dois no Pacífico, dois no Atlântico e um no Índico.

Não é possível determinar com exactidão a área que ocupam estas "ilhas de lixo", já que, como explica Paula Sobral, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT/UNL) os plásticos estão constantemente a fragmentar-se e os valores variam bastante. Estima-se, no entanto, que só 30 por cento destes detritos se encontram à superfície, estando a maior parte na coluna de água e no fundo dos oceanos.

Quais são as consequências?

O lixo que vemos nas nossas praias é apenas uma pequena percentagem de todo o lixo que existe nos oceanos (15 por cento). De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio-Ambiente (UNEP), 15 por cento do lixo marinho flutua à superfície ou está na coluna de água (a mais de 40 centímetros de profundidade). Os restantes 70 por cento estão nos fundos marinhos, fora da nossa vista.

O lixo marinho é constituído por uma grande diversidade de materiais, especialmente materiais que se degradam lentamente, o que torna a situação cada vez mais grave. Mesmo que deixássemos de produzir lixo hoje, os problemas associados ao lixo marinho permaneceriam durante muitos anos.

Paula Sobral explica que, apesar de ainda haver muito desconhecimento em relação aos impactos do plástico nos diferentes compartimentos do ecossistema, sublinha que há "vários relatos de casos de animais que ingerem micropásticos com consequências nefastas para os organismos".

Ainda que não existam dados concretos que indiquem que há consequências negativas para o ser humano, a possibilidade de isso acontecer através da ingestão de organismos marinhos que filtrem o lixo que está no mar é grande.

Para além das possíveis consequências para a saúde, tem de se ter em conta também o impacto que o lixo marinho tem a um nível socioeconómico. Cerca de 70 por cento de todo o lixo marinho é constituído por plásticos. Os restantes 30 correspondem a outros materiais como vidro, papel, metal, têxteis entre outros. Existem, contudo, diferenças significativas entre regiões no tipo e quantidade de lixo que entra no mar, que normalmente estão associadas a fatores socioeconómicos como o urbanismo, turismo e atividades de pesca.

Caso prático 4.

Adaptado de: Greenpeace Portugal

Disponível em: <http://www.greenpeace.org/portugal/pt/O-que-fazemos/oceanos/aquecimento-global/>

Aquecimento global

O oceano e os seus habitantes vão ser afectados irreversivelmente pelos impactos do aquecimento global e pelas alterações climáticas. Os cientistas dizem que o aquecimento global, através da subida da temperatura da água do mar, vai elevar os níveis da água e alterar as correntes oceânicas.

Correntes Oceânicas

A água nos oceanos do nosso planeta encontra-se sempre em movimento – arrastada pelas marés, soprada pelas ondas, e movendo-se lentamente em volta do planeta pelas forças do Cinturão Termohalino Mundial (também conhecido como circulação termohalina). O Cinturão é alimentado pelas diferenças de temperatura e de salinidade das águas, e um dos seus componentes mais conhecidos, a Corrente do Golfo, transmite à Europa o seu clima relativamente moderado.

Para além de manter o clima moderado da Europa e de desempenhar um papel importante no clima do planeta, o Cinturão fornece uma corrente ascendente aos nutrientes do fundo do oceano, e aumenta a absorção oceânica do dióxido de carbono.

O que pode correr terrivelmente mal

De forma preocupante, estudos recentes comunicam que já podem existir provas de uma circulação mais lenta do Cinturão, ao largo da crista oceânica profunda situada entre a Escócia e a Gronelândia. E embora o Cinturão pareça ter funcionado de modo razoavelmente previsível ao longo dos últimos milhares de anos, uma análise aos núcleos de gelo tanto na Gronelândia como na Antárctida indica que nem sempre foi o caso. Num passado mais distante, alterações à circulação do Cinturão encontram-se associadas a alterações climáticas bruscas.

Resumindo, a diluição da salinidade do oceano – resultante do degelo do Ártico (e do lençol de gelo da Gronelândia) e/ou do aumento de precipitação – pode desactivar, atrasar ou desviar o Cinturão. Este arrefecimento dramático significaria uma enorme perturbação para a agricultura e para o clima europeus, e teria impacto em outras correntes e temperaturas nos mares de todo o planeta.

Subida do Nível das Águas do Mar

É esperada uma subida média global do nível das águas do mar entre 9 e 88 cm (3,5–34,6 polegadas) ao longo dos próximos cem anos, devido aos gases de estufa que emitimos até agora e às prováveis emissões futuras. O fenómeno acontecerá aproximadamente na mesma proporção devido ao degelo e devido à expansão térmica dos oceanos (a água expande-se à medida que aquece).

Mesmo esta projecção comparativamente modesta da subida do nível das águas do mar vai provocar destruição. Inundações costeiras e danos provocados por tempestades, linhas costeiras em erosão, contaminação das reservas de água potável por água salgada nas áreas agrícolas, inundação de zonas húmidas costeiras e das ilhas barreira e um aumento na salinidade nos estuários, todas serão realidades de uma subida do nível das águas do mar, mesmo que pequena. Algumas cidades e vilas costeiras em cotas baixas também serão afectadas. Os recursos essenciais para as populações insulares e costeiras, como as praias, a água potável, as pescas, os recifes de coral e atóis e os habitats da vida selvagem também se encontram em risco.

Os glaciares da Gronelândia

Em Julho de 2005, cientistas a bordo do navio da Greenpeace “Arctic Sunrise” fizeram uma descoberta impressionante – provas que os glaciares da Gronelândia estão a derreter a um ritmo sem precedentes. Tratava-se apenas de mais uma prova de que as alterações climáticas já não são apenas uma perspectiva, elas já estão a chegar à nossa porta, e isto não é só uma força de expressão para quem vive em regiões costeiras.

Os dados indicam que o glaciar Kangerdlugssuaq, na costa oriental da Gronelândia, é provavelmente um dos glaciares mais rápidos do mundo, com uma velocidade de quase 14 quilómetros por ano. As medições foram feitas usando aparelhos de GPS de elevada precisão. No entanto, o glaciar regrediu inesperadamente em cerca de cinco quilómetros desde 2001, após ter mantido uma situação estável ao longo dos 40 anos anteriores.

O grande lençol de gelo da Gronelândia encerra mais de seis por cento do volume total de água doce do mundo, e está a derreter muito mais rapidamente do que o esperado. Se toda a Gronelândia se derretesse, provocaria o aumento do nível da água do mar em quase vinte pés (seis metros). Os aumentos do nível da água do mar da ordem dos quatro a cinco pés (1,2 a 1,5 metros), podem significar que locais como Nova Iorque, Amsterdão, Veneza ou Bangladesh vejam inundadas as suas zonas mais baixas.

A alarmante regressão do glaciar Kangerdlugssuaq sugere que todo o lençol de gelo da Gronelândia esteja a derreter de modo muito mais rápido do que se acreditava anteriormente. Todas as previsões científicas para o aquecimento global partiram do princípio de ritmos mais lentos de degelo. Este novo indício sugere que a ameaça do aquecimento global é muito maior e mais urgente do que se acreditava anteriormente.

Destruição de Habitats



Ursos polares no Oceano Ártico.

O aumento da temperatura está a influenciar toda a cadeia alimentar marinha. O fitoplâncton, por exemplo, que alimenta pequenos crustáceos incluindo o krill, cresce sob o gelo do mar. Uma redução no gelo do mar implica uma diminuição de krill – que, por sua vez, alimenta muitas espécies de baleias, incluindo as de grandes dimensões.

As baleias e os golfinhos encalham com altas temperaturas. As grandes baleias também correm o risco de perder as áreas de alimentação, devido ao degelo e ao colapso dos bancos de gelo, no Oceano Sul em volta da Antárctida.

Espécies inteiras de animais marinhos e peixe encontram-se directamente em risco, devido ao aumento da temperatura – simplesmente não conseguem sobreviver em águas mais quentes. Algumas populações de pinguins, por exemplo, diminuíram em 33 por cento em certas regiões da Antárctida, devido à deterioração do seu habitat.

A ocorrência crescente de doenças em animais marinhos está também relacionada ao aumento da temperatura dos oceanos.

Caso prático 5.

Adaptado de: Observador

Disponível em: <http://observador.pt/2015/10/04/primeiro-dia-sem-carros-descer-niveis-poluicao-paris-metade/>

Primeiro dia sem carros fez descer níveis de poluição em Paris para metade

4 outubro 2015

Os níveis de poluição da capital parisiense desceram 50 por cento no primeiro "dia sem carros", que aconteceu no passado dia 27 de setembro. O sucesso da iniciativa já garantiu nova edição em 2016.



No primeiro “dia sem carros” em Paris, 30% das artérias da capital francesa foram proibidas à circulação automóvel e essas restrições tiveram um impacto significativo nos níveis de poluição, revela o Quartz. Aconteceu no passado dia 27 de setembro, um domingo, e na Avenida dos Campos Elísios os níveis de dióxido de carbono desceram 30%. Já ao longo do Sena, no centro da cidade, os níveis caíram cerca de 40%. E na movimentada Praça da Ópera foram registados níveis 20% inferiores, relata The Guardian, com base nas medições do *site* Airparif.

E os níveis de poluição sonora medida pelo *site* Bruitparif, também registaram metade dos valores habituais.

A iniciativa mostrou resultados tão promissores ao nível da melhoria da poluição da cidade-luz, que a presidente da autarquia, Anne Hidalgo, pensa alargar a medida a outros dias do ano.

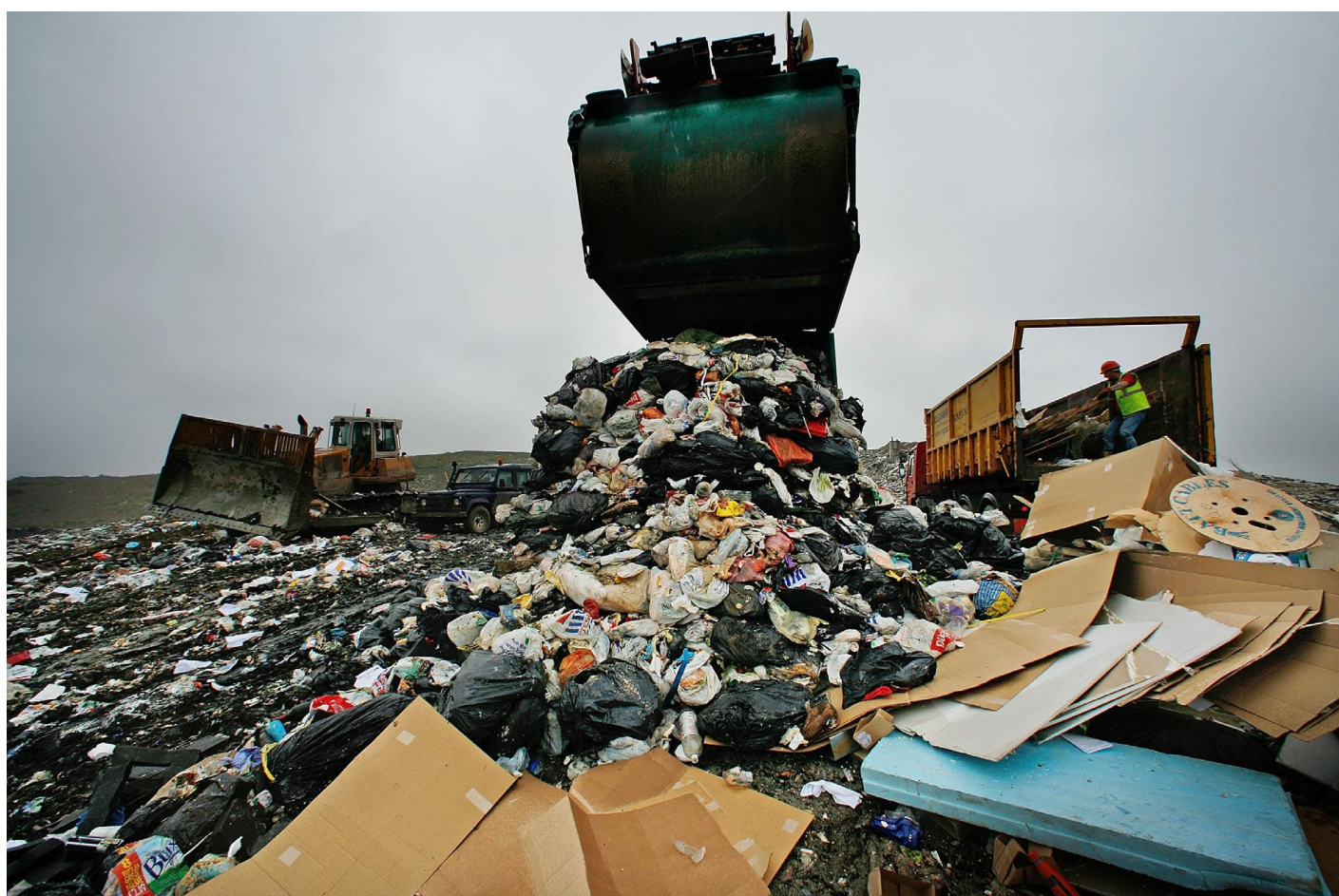
Anne Hidalgo fez da luta contra a poluição do ar uma prioridade do seu mandato. E lançou um vasto programa de ação que pretende erradicar a circulação dos veículos mais poluentes, em especial os veículos a gasóleo.

Os níveis de poluição atingem níveis tão preocupantes em Paris que a questão é um problema de saúde pública: as partículas poluentes em suspensão reduzem a expectativa de vida dos parisienses entre 6 a 9 meses.

Anexo 2.



O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas



O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas



O impacto da poluição no nosso planeta e nas nossas vidas

